



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

O impacto dos aplicativos de gestão financeira na organização das finanças pessoais

Gustavo Ransi Baum

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCS

DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

Graduação em Administração de Empresas

Rio de Janeiro, junho de 2025



Gustavo Ransi Baum

**O impacto dos aplicativos de gestão financeira na organização das
finanças pessoais**

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de graduação em Administração da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: André Cabús Klötzle

Rio de Janeiro, junho de 2025

Resumo

BAUM, Gustavo Ransi, O impacto dos aplicativos de gestão financeira na organização das finanças pessoais. Rio de Janeiro, 2025. 29p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A crescente popularização dos aplicativos de gestão financeira tem transformado a maneira como os indivíduos lidam com suas finanças pessoais. Diante disso, este estudo buscou analisar o impacto dessas ferramentas na organização financeira dos usuários. O objetivo principal foi compreender de que forma os aplicativos contribuem para o controle orçamentário, a mudança de hábitos de consumo e o planejamento financeiro. A metodologia adotada consistiu em uma pesquisa quantitativa, realizada por meio de um questionário online aplicado via Google Forms, direcionado a usuários de aplicativos de gestão financeira. Os resultados indicaram que a maioria dos participantes passou a ter maior controle sobre seus gastos, definir metas financeiras com mais clareza e demonstrar maior consciência no consumo após o uso dos aplicativos. Além disso, destacou-se a praticidade das ferramentas como um fator determinante para a adesão contínua. Conclui-se que esses aplicativos desempenham um papel significativo na promoção da educação financeira, ao facilitarem o planejamento e o controle das finanças pessoais. No entanto, ainda enfrentam desafios importantes relacionados à usabilidade e à manutenção do engajamento dos usuários a longo prazo.

Palavras-chave: Finanças Pessoais; Gestão Financeira; Planejamento Digital.

Abstract

BAUM, Gustavo Ransi. The impact of financial management apps on the organization of personal finances. Rio de Janeiro, 2025. 29p. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Administração. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The growing popularity of financial management apps has transformed the way individuals manage their personal finances. In light of this, this study sought to analyze the impact of these tools on users' financial organization. The main objective was to understand how apps contribute to budget control, changes in consumption habits, and financial planning. The methodology adopted consisted of quantitative research, conducted through an online questionnaire applied via Google Forms, aimed at users of financial management apps. The results indicated that most participants gained greater control over their spending, set financial goals more clearly, and demonstrated greater awareness in consumption after using the apps. In addition, the practicality of the tools stood out as a determining factor for continued adherence. It is concluded that these apps play a significant role in promoting financial education by facilitating the planning and control of personal finances. However, they still face important challenges related to usability and maintaining user engagement in the long term.

Keywords: Personal Finance; Financial Management; Digital Planning.

Sumário

| | | |
|------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 01 |
| 1.1. | Introdução ao tema e ao problema do estudo | 01 |
| 1.2. | Objetivo do estudo | 02 |
| 1.3. | Objetivos intermediários do estudo | 02 |
| 1.4. | Delimitação do estudo | 03 |
| 1.5. | Justificativa e relevância do estudo | 03 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO | 05 |
| 2.1. | Educação Financeira e Comportamento do Consumidor | 05 |
| 2.2. | Tecnologias e Transformações digitais nas Finanças Pessoais | 07 |
| 2.3. | O papel da tecnologia na democratização do acesso à gestão financeira | 09 |
| 3 | MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA E DE ANÁLISE DE DADOS DO ESTUDO | 11 |
| 3.1. | Etapas de coleta de dados | 11 |
| 3.2. | Fontes de informação selecionadas para coleta de dados no estudo | 11 |
| 3.3. | Procedimentos e instrumentos de coleta de dados utilizados no estudo | 12 |
| 3.4. | Formas de tratamento e análise dos dados coletados para o estudo | 12 |
| 3.5. | Limitações do estudo | 12 |
| 4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 13 |
| 5 | CONCLUSÕES | 22 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 24 |
| | APÊNDICE | 27 |

Lista de Gráficos

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 – Faixa etária | 13 |
| Gráfico 2 - Escolaridade | 13 |
| Gráfico 3 – Região de residência | 14 |
| Gráfico 4 – Renda média mensal | 14 |
| Gráfico 5 – Quanto tempo utiliza (ou utilizou) o app | 15 |
| Gráfico 6 – Principal objetivo | 16 |
| Gráfico 7 – Impacto nas decisões financeiras | 18 |
| Gráfico 8 – Principais benefícios | 19 |
| Gráfico 9 – Concordância com a afirmação | 20 |

1 INTRODUÇÃO

Com o avanço da tecnologia, os aplicativos de gestão financeira tornaram-se ferramentas essenciais para quem deseja organizar melhor suas finanças pessoais. Assim, este trabalho irá abordar o impacto para os usuários que utilizam essas plataformas que oferecem recursos que facilitam o controle de gastos, a criação de orçamentos e o planejamento financeiro a longo prazo.

1.1. Introdução ao tema e ao problema do estudo

A crescente digitalização dos serviços financeiros tem proporcionado à população o acesso a ferramentas que facilitam o controle e a organização das finanças pessoais. Entre essas ferramentas, os aplicativos de gestão financeira destacam-se como recursos práticos e acessíveis, permitindo que os usuários acompanhem seus gastos, estabeleçam metas de economia, e tenham uma visão mais clara de sua saúde financeira. Esses aplicativos vêm se consolidando como aliados importantes em um cenário de alta complexidade econômica e elevado nível de endividamento entre os brasileiros (AMARAL, 2016).

Segundo dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o percentual de famílias brasileiras endividadas atingiu 78,5% em janeiro de 2024, um dos índices mais altos da série histórica (CNC, 2024). A inadimplência e o uso excessivo do crédito, especialmente o rotativo do cartão, têm colocado muitas famílias em situação de vulnerabilidade financeira. Nesse contexto, os aplicativos de gestão financeira surgem como uma resposta tecnológica à necessidade de maior organização e planejamento financeiro por parte dos indivíduos.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Serasa em 2024, cerca de 42% dos brasileiros afirmaram utilizar aplicativos de gestão financeira para acompanhar seus gastos e planejar suas finanças mensais. Essa tendência é ainda mais expressiva entre os jovens adultos, faixa etária que demonstra maior familiaridade

com soluções digitais e aplicativos móveis. Além disso, cerca de 35% dos brasileiros terminaram 2024 endividados (SERASA, 2025).

Há também uma correlação positiva entre o uso desses aplicativos e a melhora na gestão do orçamento pessoal. Usuários frequentes de aplicativos de controle financeiro relatam maior consciência sobre seus padrões de consumo e mais facilidade em atingir metas financeiras. Além disso, os aplicativos auxiliam na redução de gastos impulsivos e no aumento da educação financeira (SILVA, CANJÃO, LEAL, 2018).

Com funcionalidades que vão desde categorização automática de despesas até notificações de vencimento de contas, os aplicativos de gestão financeira representam uma inovação significativa na forma como as pessoas lidam com o dinheiro no dia a dia. Embora não sejam uma solução definitiva para o endividamento, seu uso consciente pode contribuir significativamente para a formação de hábitos financeiros mais saudáveis.

1.2. Objetivo do estudo

O objetivo do estudo é analisar o impacto dos aplicativos de gestão financeira na organização das finanças pessoais, destacando

1.3. Objetivos intermediários do estudo

Os objetivos intermediários do estudo, que auxiliam no percurso para que o objetivo principal seja alcançado, estão elencados a seguir:

- Identificar as principais funcionalidades oferecidas pelos aplicativos de gestão financeira e sua contribuição para o controle orçamentário;
- Avaliar como o uso desses aplicativos influencia os hábitos de consumo e o planejamento financeiro dos usuários; e
- Investigar os desafios e limitações enfrentados pelos usuários ao utilizar essas ferramentas.

1.4. Delimitação do estudo

Este estudo está delimitado ao contexto do uso de aplicativos de gestão financeira para a organização das finanças pessoais, considerando sua influência no controle de gastos, planejamento orçamentário e tomada de decisões financeiras. A pesquisa abordará usuários que utilizam essas ferramentas regularmente, analisando seus benefícios e desafios no dia a dia. Além disso, será explorado como esses aplicativos auxiliam na criação de hábitos financeiros mais saudáveis, promovendo maior conscientização sobre consumo, economia e investimentos.

1.5. Justificativa e relevância do estudo

O planejamento financeiro é fundamental para garantir estabilidade e alcançar objetivos pessoais ao longo da vida. Ele permite que as pessoas organizem suas receitas e despesas de forma consciente, identificando prioridades e adequando seus recursos às necessidades do dia a dia. Com uma boa gestão financeira, torna-se possível tomar decisões mais assertivas e evitar situações de descontrole econômico (ALBERNAZ, 2024).

No entanto, grande parte da população brasileira ainda apresenta dificuldades para lidar com o próprio dinheiro. Isso se deve, em grande parte, à ausência de educação financeira, que não é ensinada de forma efetiva nas escolas e raramente é discutida dentro das famílias. Como resultado, muitas pessoas crescem sem desenvolver o hábito de planejar financeiramente, o que compromete sua capacidade de poupar, investir ou mesmo consumir de maneira responsável (SILVA, CANJÃO, LEAL, 2018).

Esse cenário é agravado pelo aumento do consumo impulsivo e pelo uso excessivo do cartão de crédito. Muitas vezes, compras são feitas sem necessidade real, movidas por fatores emocionais, psicológicos ou sociais. A busca por status, o desejo de pertencimento ou a tentativa de aliviar frustrações acaba levando à aquisição de produtos que não são usados ou que geram arrependimento. Além disso, a facilidade de acesso ao crédito, com cartões, parcelamentos e compras online, contribui para o crescimento do endividamento, já que reduz a percepção do impacto financeiro imediato (SILVA, CANJÃO, LEAL, 2018).

De acordo com a Revista Veja, no início de 2025, os brasileiros comprometiam cerca de 26% de sua renda mensal apenas para o pagamento de dívidas. Além disso, o crédito total disponível para empresas e famílias alcançou R\$ 8,5 trilhões, o equivalente a 155,6% do PIB. Apesar disso, houve uma queda de 0,8% no mês de janeiro, influenciada pela valorização de 5,2% do real, que reduziu os empréstimos externos (PATI, 2025).

Portanto, a falta de planejamento financeiro, aliada ao consumo por impulso, tem comprometido a saúde econômica de muitas pessoas. A conscientização sobre o tema e o incentivo à educação financeira desde cedo são medidas essenciais para formar consumidores mais responsáveis e preparados para lidar com os desafios da vida financeira.

2 Referencial Teórico

2.1. Educação Financeira e Comportamento do Consumidor

A educação financeira pode ser definida como o processo pelo qual os indivíduos adquirem conhecimento e habilidades para tomar decisões conscientes e eficazes relacionadas ao uso do dinheiro. Ela envolve não apenas o aprendizado de conceitos técnicos, como juros, orçamento e investimentos, mas também o desenvolvimento de atitudes e comportamentos saudáveis no manejo dos recursos financeiros. Isso inclui habilidades como controle de impulsos, planejamento de longo prazo e avaliação de riscos. Segundo Lusardi e Mitchell (2014), a alfabetização financeira é essencial para que os indivíduos possam se proteger de decisões prejudiciais e aproveitar as oportunidades disponíveis em um mercado cada vez mais complexo e dinâmico.

A importância da educação financeira é evidenciada por sua influência direta na capacidade dos indivíduos de planejar o futuro, evitar o endividamento e tomar decisões mais acertadas em relação ao consumo, à poupança e aos investimentos. Estudos do Banco Mundial (2013) mostram que pessoas com maior nível de alfabetização financeira têm maior probabilidade de manter reservas de emergência, planejar a aposentadoria e resistir a ofertas de crédito predatórias. Isso reforça a necessidade de que políticas públicas priorizem a formação financeira desde a educação básica, de forma transversal e contínua, promovendo a equidade no acesso ao conhecimento econômico desde cedo (OECD, 2016).

Além de impactar o comportamento financeiro objetivo, a educação financeira também está associada ao bem-estar subjetivo. Pessoas mais bem informadas em relação às finanças pessoais tendem a experimentar menor estresse financeiro, maior sensação de controle e segurança nas decisões econômicas. De acordo com Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014), o nível de conhecimento financeiro está positivamente correlacionado à estabilidade emocional e à satisfação com a vida, pois permite lidar melhor com incertezas e pressões do cotidiano. Essa dimensão subjetiva destaca a importância de uma abordagem educacional que envolva não

apenas o conteúdo técnico, mas também aspectos emocionais e comportamentais das finanças.

O comportamento financeiro individual é moldado por uma interação complexa entre fatores racionais, como cálculos de custo-benefício, e fatores emocionais, como medos, desejos e crenças. Embora a teoria econômica tradicional presuma que os indivíduos sejam agentes racionais, plenamente informados e maximizadores de utilidade, a economia comportamental desafia essa premissa ao demonstrar que muitas decisões são tomadas de forma intuitiva e sujeita a vieses cognitivos. Kahneman (2011) propõe que grande parte das decisões humanas ocorre no “Sistema 1” – rápido, automático e emocional –, o que explica por que tantas pessoas cometem erros sistemáticos em suas escolhas financeiras, mesmo tendo acesso à informação.

A tomada de decisões financeiras envolve, frequentemente, escolhas complexas em ambientes de incerteza, o que exige planejamento, disciplina e clareza de metas. Indivíduos com baixa capacidade de planejamento tendem a adotar comportamentos impulsivos, como compras por impulso ou uso descontrolado de crédito, o que compromete sua segurança financeira ao longo do tempo. Nesse contexto, Thaler e Sunstein (2009) argumentam que pequenas intervenções no ambiente de decisão, conhecidas como nudges, podem orientar os indivíduos a tomarem melhores decisões sem restringir sua liberdade de escolha. Aplicativos de controle financeiro que oferecem metas automáticas, lembretes ou visualizações intuitivas são exemplos de como a tecnologia pode ser usada como aliada nesse processo.

Outro fator determinante para o comportamento financeiro é o contexto social e a cultura em que o indivíduo está inserido. Estudos mostram que ambientes com pouca educação formal, baixo acesso a produtos financeiros seguros e forte pressão consumista aumentam a propensão a decisões financeiras desfavoráveis. De acordo com Perry e Morris (2005), a exclusão financeira e a falta de modelos positivos de comportamento econômico são barreiras significativas para o desenvolvimento de hábitos saudáveis de consumo. Assim, políticas públicas eficazes devem considerar as dimensões sociais e culturais, promovendo a inclusão e combatendo desigualdades estruturais que comprometem o acesso ao conhecimento e aos recursos.

Mesmo quando há acesso à informação, muitos indivíduos enfrentam barreiras internas que dificultam a adoção de comportamentos financeiros mais racionais.

Um dos principais obstáculos é o viés do presente, que leva à valorização excessiva de recompensas imediatas em detrimento de benefícios futuros. Laibson (1997) explica que esse comportamento está ligado a preferências temporais inconsistentes, o que torna difícil poupar ou evitar dívidas, mesmo quando se reconhece a importância disso. A superação desse viés pode ser facilitada por estratégias de automatização, como transferências programadas para a poupança ou metas visuais que tornam os objetivos mais tangíveis.

Outro aspecto psicológico importante é a aversão à perda, um fenômeno descrito por Kahneman e Tversky (1979), segundo o qual as perdas são percebidas como mais dolorosas do que os ganhos equivalentes são prazerosos. Essa tendência leva muitos indivíduos a evitarem mudanças financeiras necessárias, como cortar gastos ou alterar padrões de consumo, mesmo sabendo que essas decisões trarão benefícios no longo prazo. Estratégias como o uso de linguagem positiva, feedbacks frequentes e sistemas de recompensa simbólica podem ajudar a mitigar esse comportamento, promovendo uma mudança de mentalidade gradual e eficaz (KAHNEMAN, TVERSKY, 1979).

A ausência de autoconhecimento financeiro é outra barreira crítica para uma gestão eficaz das finanças pessoais. Muitos indivíduos não têm clareza sobre seus rendimentos, despesas ou sobre como distribuem seus recursos ao longo do mês. Essa falta de visibilidade favorece o descontrole e a tomada de decisões com base em estimativas imprecisas. Segundo Lusardi, Michaud e Mitchell (2017), a negligência em relação ao próprio orçamento está associada a níveis elevados de ansiedade e insegurança financeira. Ferramentas tecnológicas como planilhas automatizadas e aplicativos que categorizam os gastos podem funcionar como instrumentos pedagógicos e terapêuticos, promovendo maior consciência e autonomia financeira.

2.2. Tecnologias e Transformações digitais nas Finanças Pessoais

A evolução tecnológica tem transformado radicalmente o setor financeiro, especialmente no que diz respeito à forma como as pessoas interagem com seus recursos. Desde os primeiros caixas eletrônicos até os atuais aplicativos de controle financeiro e bancos digitais, a tecnologia tem proporcionado mais autonomia, rapidez e praticidade nas transações financeiras. Esse avanço permitiu não apenas a descentralização dos serviços bancários, mas também o surgimento de novas

formas de relacionamento com o dinheiro, promovendo maior inclusão financeira (ARNER; BARBERIS; BUCKLEY, 2016).

Os dispositivos móveis e os aplicativos surgiram como ferramentas fundamentais para o controle financeiro pessoal, substituindo métodos tradicionais como cadernos ou planilhas, que exigiam mais esforço e tempo. As novas plataformas oferecem funcionalidades como categorização automática de despesas, alertas de vencimento de contas, definição de metas de economia e gráficos intuitivos que ajudam na visualização do fluxo de caixa. Essas ferramentas não apenas organizam os dados, mas também estimulam hábitos saudáveis de consumo (GUPTA; ARORA, 2017).

Com o avanço do Big Data e da inteligência artificial, as tecnologias passaram a oferecer serviços ainda mais personalizados e preditivos. Os algoritmos são capazes de analisar hábitos de consumo, identificar padrões e oferecer recomendações individualizadas, como sugerir cortes de gastos ou oportunidades de investimento. Essa capacidade de adaptação torna a experiência do usuário mais dinâmica e eficaz (GAI; QIU; SUN, 2018).

Além disso, o surgimento de APIs abertas e regulamentações como o Open Banking no Brasil ampliaram as possibilidades de inovação no setor, permitindo a integração entre diferentes instituições financeiras e plataformas tecnológicas. Com o consentimento do usuário, é possível compartilhar dados bancários com terceiros, viabilizando soluções mais completas, personalizadas e competitivas. Isso fortalece a autonomia do consumidor e promove um ecossistema financeiro mais aberto e centrado no usuário (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2021).

A ascensão das fintechs (startups de tecnologia financeira) representa um dos principais marcos da transformação digital no setor financeiro. Essas empresas utilizam tecnologias emergentes para oferecer soluções mais ágeis, acessíveis e personalizadas em comparação aos bancos tradicionais. Seu modelo de atuação tem impulsionado a competitividade no setor e expandido o acesso a serviços financeiros antes restritos a uma parcela da população (SCHINDLER, 2017).

Com modelos de negócio centrados na experiência do usuário, as fintechs popularizaram o acesso a serviços financeiros antes considerados burocráticos ou inacessíveis. Aplicativos como Guiabolso, Mobills e Organizze permitem que usuários de diferentes níveis de renda acompanhem seus gastos de forma simples e intuitiva, fortalecendo a autonomia financeira e incentivando o planejamento orçamentário pessoal (SOUZA; SILVA, 2020).

A digitalização também promove uma redução significativa nos custos operacionais das instituições, o que permite a oferta de produtos mais baratos ou até gratuitos. Isso amplia o alcance dos serviços financeiros, especialmente em regiões onde o acesso a agências bancárias físicas é limitado, contribuindo para a inclusão digital e financeira (OZILI, 2018).

Contudo, o crescimento acelerado das fintechs também levanta desafios relacionados à regulação, à proteção de dados e à segurança cibernética. O Banco Central do Brasil tem atuado para equilibrar inovação e estabilidade financeira por meio de regulamentações específicas para esse tipo de empresa, com foco na transparência e proteção do consumidor (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2022).

2.3. O papel da tecnologia na democratização do acesso à gestão financeira

A tecnologia tem desempenhado um papel essencial na democratização do acesso à gestão financeira pessoal, especialmente em países em desenvolvimento, onde a inclusão bancária ainda é um desafio. Por meio de smartphones e internet, milhões de pessoas passaram a ter acesso a informações, ferramentas e serviços que antes estavam restritos a um grupo seleto (DEMIRGUÇ-KUNT et al., 2018). Isso tem um impacto direto na capacidade dessas pessoas de organizar suas finanças e alcançar maior estabilidade econômica.

Aplicativos de finanças pessoais, muitos deles gratuitos, permitem que usuários de diferentes níveis educacionais e socioeconômicos acompanhem seus hábitos de consumo, estabeleçam metas e planejem gastos com mais precisão. Segundo estudo de Lima e Melo (2021), o uso dessas ferramentas está positivamente associado ao aumento da consciência financeira e à adoção de comportamentos mais prudentes com o dinheiro. A simplicidade das interfaces e a linguagem acessível contribuem para sua adoção em larga escala.

Além disso, a tecnologia tem promovido a inclusão de grupos tradicionalmente excluídos do sistema bancário, como trabalhadores informais e moradores de áreas rurais. Com o avanço do Pix e da digitalização de carteiras digitais, até mesmo pessoas sem conta bancária formal podem realizar pagamentos e transferências instantâneas. Isso reduz a dependência do dinheiro em espécie e aproxima esses indivíduos de práticas financeiras mais organizadas e seguras (SANCHES; ALMEIDA, 2021).

Outra contribuição relevante da tecnologia é a possibilidade de personalização dos serviços financeiros. Muitos aplicativos utilizam algoritmos e inteligência artificial para oferecer recomendações personalizadas de economia, investimentos e crédito, adaptadas ao perfil do usuário. Essa capacidade de personalização pode aumentar o engajamento e a eficácia das estratégias de gestão financeira pessoal, tornando a experiência mais relevante e útil, especialmente para quem tem pouca familiaridade com o tema (LIMA; MELO, 2021).

Além disso, a presença de conteúdo educativo dentro das próprias plataformas tecnológicas reforça a importância da educação financeira como parte integrante da inclusão digital. Diversos aplicativos oferecem tutoriais, vídeos e dicas práticas que ajudam os usuários a desenvolver competências essenciais para a tomada de decisões financeiras conscientes. Esse tipo de abordagem integrada contribui para um aprendizado contínuo e contextualizado, facilitando a internalização de conceitos e hábitos saudáveis (UNCTAD, 2020).

Também vale destacar o papel das fintechs nesse cenário, pois muitas dessas empresas têm atuado com foco em atender segmentos negligenciados pelos bancos tradicionais. Ao oferecer serviços simplificados, com taxas reduzidas e soluções inovadoras, essas empresas contribuem para ampliar o leque de opções disponíveis à população, incentivando uma relação mais ativa e consciente com o dinheiro (LIMA; MELO, 2021). Com isso, há um estímulo para o mercado se adaptar às novas demandas e a evoluir em direção a uma maior inclusão.

Nessa perspectiva, é importante destacar que, embora a tecnologia represente uma oportunidade transformadora para a gestão financeira pessoal, seu sucesso depende da articulação entre inovação, inclusão e educação. O desenvolvimento de soluções acessíveis deve vir acompanhado de ações que reduzam as desigualdades estruturais e garantam que todos possam usufruir dos avanços digitais. Somente com um esforço coletivo será possível construir um ecossistema financeiro mais justo, seguro e eficiente para todos os cidadãos (UNCTAD, 2020).

3 Métodos e procedimentos de coleta e de análise de dados do estudo

O método escolhido para este estudo foi a pesquisa quantitativa, por permitir a coleta de dados objetivos e mensuráveis, facilitando a análise estatística dos resultados. Segundo Gil (2017), a pesquisa quantitativa caracteriza-se pelo uso da quantificação tanto na coleta quanto no tratamento das informações, permitindo a descrição de fenômenos e o estabelecimento de padrões. Essa abordagem é particularmente adequada para identificar comportamentos, percepções e tendências entre os participantes, possibilitando compreender de forma mais precisa o impacto dos aplicativos de gestão financeira sobre a organização das finanças pessoais, seus benefícios, desafios e a influência sobre o comportamento dos usuários.

3.1. Etapas de coleta de dados

O processo de coleta de dados foi estruturado em etapas sequenciais para garantir a organização e a confiabilidade das informações obtidas. Primeiramente, foi elaborado um questionário com perguntas objetivas voltadas à investigação do uso de aplicativos de gestão financeira pessoal. Em seguida, o instrumento foi disponibilizado na plataforma Google Forms e divulgado por meio das redes sociais e grupos de mensagens, buscando atingir um público diversificado. A coleta foi realizada de forma remota, respeitando critérios éticos, com participação voluntária e anonimato garantido aos respondentes.

3.2. Fontes de informação selecionadas para coleta de dados no estudo

As informações foram coletadas diretamente com indivíduos que utilizam ou já utilizaram aplicativos de controle financeiro pessoal. A amostra foi composta por participantes com idade mínima de 18 anos, de diferentes níveis de escolaridade e faixas de renda, permitindo uma análise mais ampla e representativa dos perfis de usuários. A escolha desse público se deu em função da vivência prática com o

objeto de estudo — os aplicativos de gestão financeira — o que possibilita o fornecimento de dados pertinentes ao tema.

3.3. Procedimentos e instrumentos de coleta de dados utilizados no estudo

O principal instrumento de coleta foi um questionário estruturado, aplicado de forma online por meio da ferramenta Google Forms. O questionário foi composto por perguntas fechadas de múltipla escolha e escalas de avaliação tipo Likert, voltadas à compreensão de hábitos financeiros, frequência de uso dos aplicativos, percepção de benefícios, dificuldades encontradas e mudanças no comportamento financeiro. O questionário foi precedido por um termo de consentimento livre e esclarecido, explicando os objetivos da pesquisa e assegurando a confidencialidade das respostas.

3.4. Formas de tratamento e análise dos dados coletados para o estudo

Os dados coletados serão analisados por meio de procedimentos estatísticos descritivos, como frequências, médias e percentuais, com o objetivo de identificar padrões de comportamento, percepções comuns e principais desafios enfrentados pelos usuários. A análise será realizada com o auxílio de planilhas eletrônicas (Excel) e ferramentas de visualização gráfica. A categorização das respostas abertas será feita por análise de conteúdo, de forma a identificar temas recorrentes que complementem a interpretação dos dados quantitativos. A abordagem será pautada nos pressupostos da pesquisa quantitativa e da análise objetiva de dados empíricos (BARDIN, 2011).

3.5. Limitações do estudo

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. A primeira diz respeito à amostragem não probabilística, baseada em acessibilidade, o que pode comprometer a generalização dos resultados. Além disso, por se tratar de uma coleta online, existe a possibilidade de exclusão de indivíduos sem acesso à internet ou com baixa familiaridade digital. Ainda assim, os dados obtidos oferecem uma base relevante para refletir sobre o impacto dos aplicativos na organização das finanças pessoais.

4 Análise e discussão dos resultados

Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos neste estudo, foi realizada uma pesquisa quantitativa por meio do Google Forms, na qual foram coletadas 50 respostas, sendo que destas, 54% foram de homens e 46% de mulheres. Em relação ao perfil dos respondentes, verifica-se a faixa etária e a escolaridade, os quais estão dispostos nos gráficos 1 e 2 respectivamente.

Gráfico 1 – Faixa etária

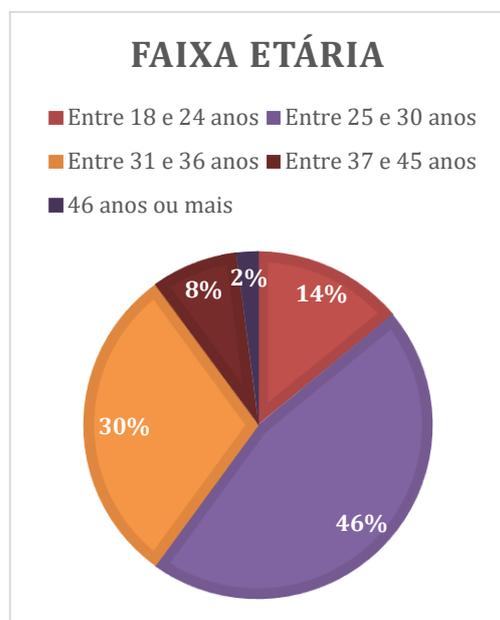
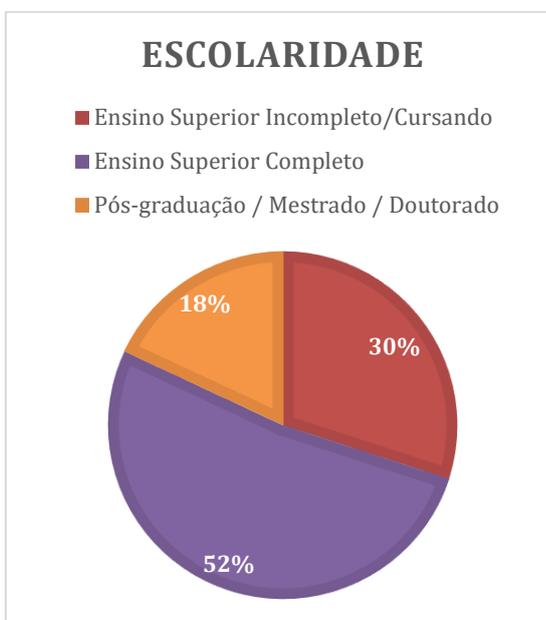


Gráfico 2 - Escolaridade

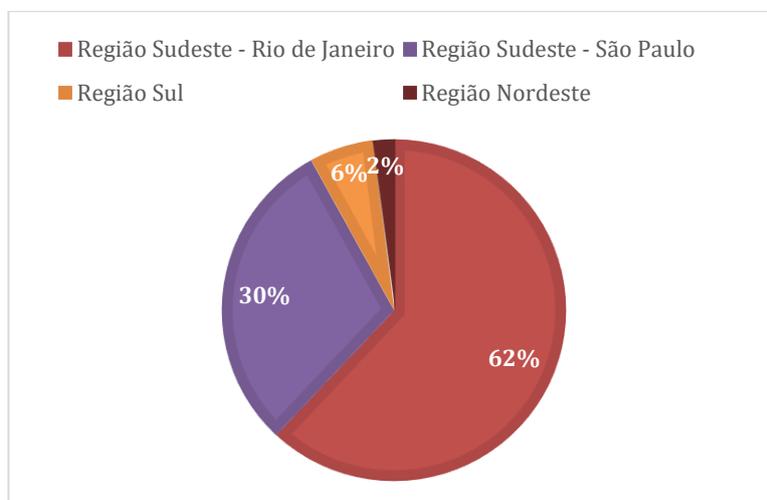


Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa

Em relação à faixa etária (Gráfico 1), observa-se uma predominância de participantes entre 25 e 30 anos, representando 46% do total. A seguir, 30% encontram-se entre 31 e 36 anos, 14% entre 18 e 24 anos, 8% entre 37 e 45 anos, e apenas 2% possuem 46 anos ou mais. No que diz respeito à escolaridade (Gráfico 2), nota-se que a maioria dos respondentes possui ensino superior completo (52%). Outros 30% estão cursando ou possuem ensino superior incompleto, enquanto 18% têm pós-graduação, mestrado ou doutorado.

Além disso, foram coletadas informações sobre a região de residência dos participantes (Gráfico 3). A maioria dos respondentes reside no estado do Rio de Janeiro (62%), seguido por São Paulo (30%), ambos na região Sudeste. Os demais participantes são oriundos da região Sul (6%) e da região Nordeste (2%).

Gráfico 3 – Região de residência



Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa

Além do perfil dos respondentes, um dado relevante para a pesquisa, dada a natureza do tema e dos objetivos, é a renda média mensal dos respondentes, presente no gráfico 4, uma vez que a pesquisa trata do uso de aplicativos de gestão financeira e organização de dívidas e orçamentos, entre outras questões.

Gráfico 4 – Renda média mensal

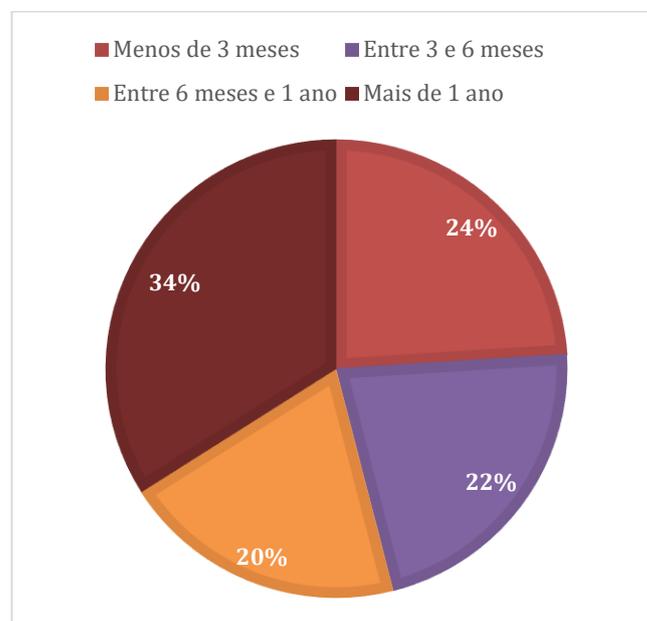


Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa

Além disso, a inclusão digital e financeira é uma ferramenta crucial para reduzir desigualdades. Como discutido por Demirgüç-Kunt et al. (2018) e Ozili (2018), a digitalização das finanças, por meio da fintech, democratiza o acesso à gestão financeira, especialmente entre populações com renda mais baixa — segmento que também está representado na amostra desta pesquisa. A presença de usuários com renda entre 1 e 3 salários mínimos (53%) destaca esse aspecto.

Relativamente às questões específicas da pesquisa, primeiramente os participantes foram perguntados se utilizam aplicativos de gestão financeira ou se já utilizaram. Nesse sentido, 54% relataram utilizar, 38% já usaram, mas pararam e apenas 8% nunca tiveram essa experiência. Em relação há quanto tempo utilizam, as respostas estão disponíveis no gráfico 5 a seguir.

Gráfico 5 – Quanto tempo utiliza (ou utilizou) o app

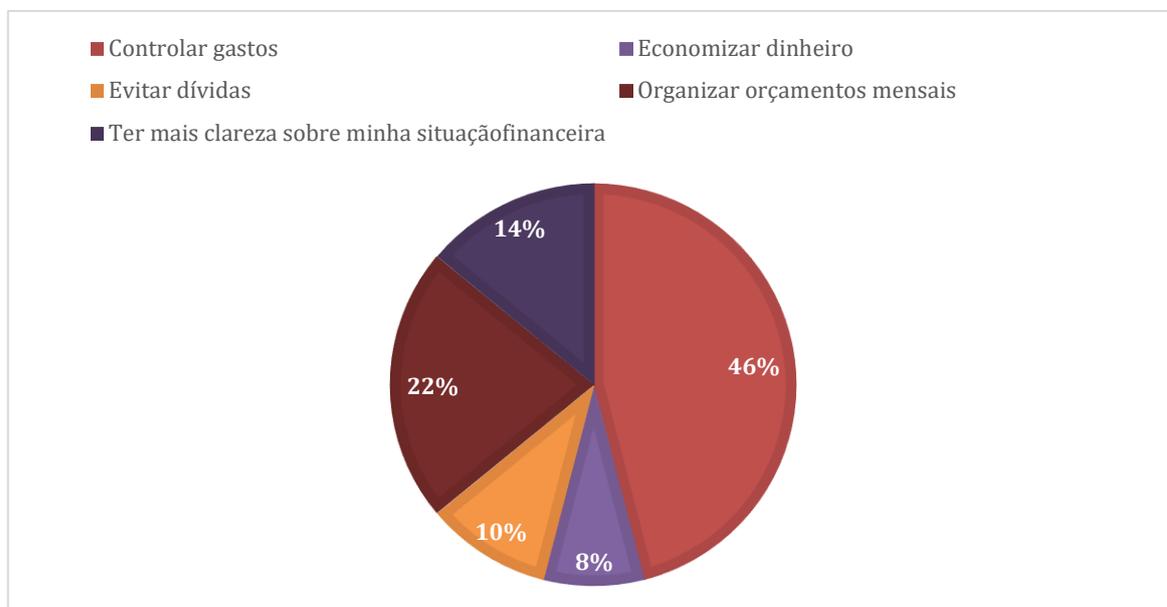


Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa

Os respondentes foram questionados sobre qual é o principal objetivo ao utilizar um aplicativo de gestão financeira. Conforme os dados apresentados no Gráfico 5, observou-se que a maioria (46%) utiliza essas ferramentas com a finalidade de controlar os gastos. Em seguida, 22% dos participantes indicaram que buscam organizar orçamentos mensais, enquanto 14% utilizam os aplicativos para ter mais clareza sobre sua situação financeira. Outros 10% afirmaram que seu

principal objetivo é evitar dívidas, e 8% buscam economizar dinheiro por meio do uso dessas plataformas digitais.

Gráfico 6 – Principal objetivo



Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa

Já em relação à frequência de atualização das informações no aplicativo, 18% atualizam diariamente, 32% algumas vezes por semana, 24% uma vez por semana, 6% menos de uma vez por semana e 20% não atualizam com frequência. Além disso, os respondentes disseram se, desde que começaram a utilizar o aplicativo, a organização financeira melhorou; e nesse sentido, 56% relataram que ficou muito mais organizada, 30% um pouco mais organizada e 14% não mudou. Ademais, nenhum respondente assinalou que a organização financeira piorou.

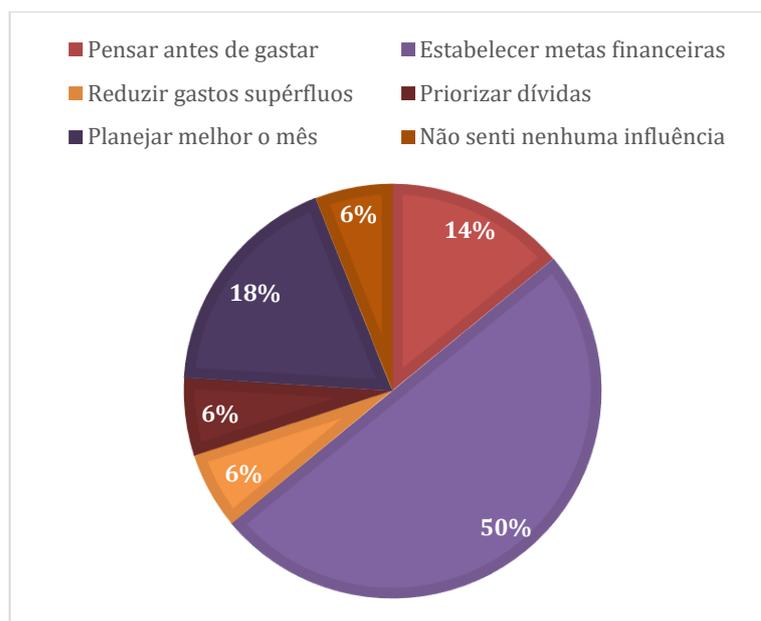
Os resultados da pesquisa apontam para um impacto substancialmente positivo do uso de aplicativos de gestão financeira pessoal na vida dos respondentes, tanto no que diz respeito à organização financeira quanto à mudança de comportamento em relação ao consumo. Isso corrobora o argumento de Albernaz (2024), que destaca a importância do planejamento financeiro pessoal como um fator determinante para a melhoria da qualidade de vida, uma vez que permite maior controle, previsibilidade e segurança nas decisões financeiras.

No mesmo sentido, 64% dos participantes disseram que passaram a controlar melhor os gastos com frequência, 28% disseram que às vezes e 8% relataram que não houve mudança em relação ao controle dos gastos. Os participantes também responderam se conseguiram poupar mais dinheiro após começar a usar os aplicativos, sendo que 60% conseguiram economizar mais com regularidade, 26% de forma pontual, 4% não conseguiram poupar mesmo com o uso do aplicativo e 10% relataram que nunca tiveram objetivo.

O elevado índice de usuários que afirmam ter conseguido economizar mais (60%) e controlar melhor os gastos (64%) reforça a relevância das ferramentas digitais para o empoderamento financeiro individual. Tal constatação está alinhada com o estudo de Lima e Melo (2021), que analisam o impacto positivo de aplicativos de finanças na gestão do orçamento pessoal, especialmente ao facilitar o acesso à informação e à educação financeira prática no cotidiano.

Além dos impactos percebidos na organização financeira e no controle de gastos, os participantes da pesquisa também relataram mudanças significativas em suas decisões financeiras após o início do uso de aplicativos de gestão. Como ilustrado no Gráfico 7, metade dos respondentes (50%) afirmou que passou a estabelecer metas financeiras, demonstrando um avanço importante no planejamento de médio e longo prazo. Outros 18% passaram a planejar melhor o mês, e 14% relataram que passaram a pensar antes de gastar, indicando maior conscientização sobre o consumo. Já 6% disseram que passaram a priorizar o pagamento de dívidas, e outros 6% afirmaram que começaram a reduzir gastos supérfluos. Apenas 6% dos respondentes indicaram que não sentiram nenhuma influência nas decisões financeiras após o uso do aplicativo, o que reforça a percepção de que essas ferramentas exercem um papel relevante na transformação comportamental.

Gráfico 7 – Impacto nas decisões financeiras

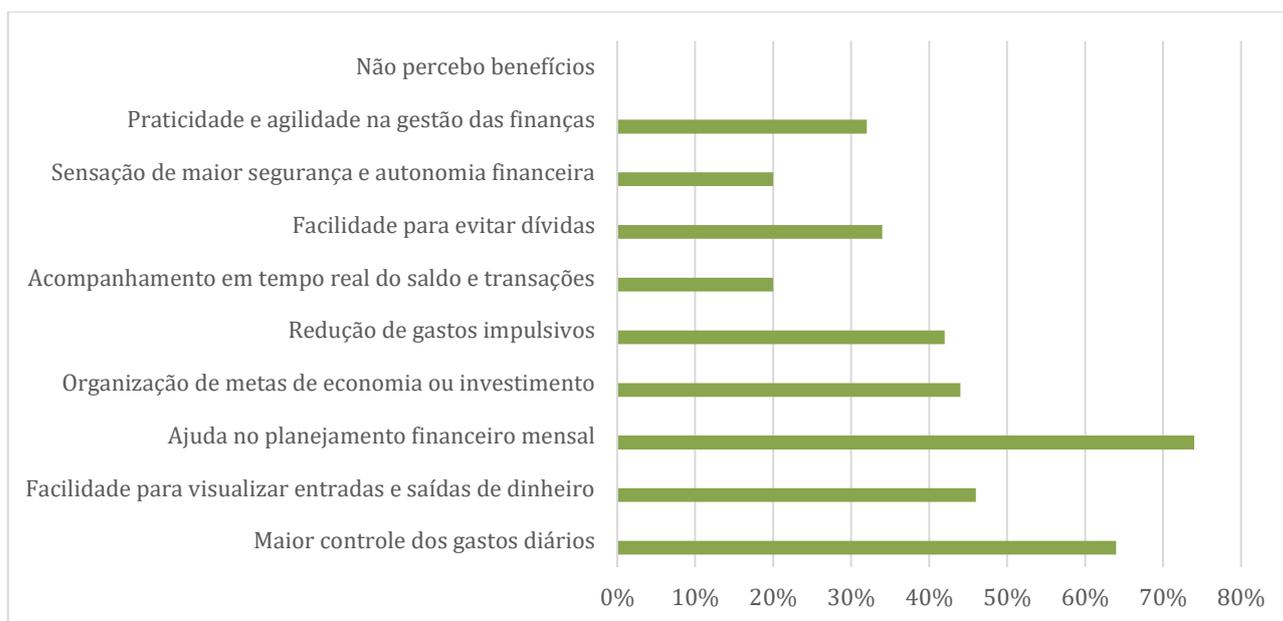


Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa

De acordo com Lusardi e Mitchell (2014), a alfabetização financeira é um componente essencial para o bom desempenho econômico dos indivíduos ao longo da vida. Neste sentido, os aplicativos funcionam como instrumentos de educação financeira informal, promovendo maior clareza sobre a situação financeira (14%) e incentivando práticas como o planejamento do mês (18%) e o estabelecimento de metas (50%), conforme demonstrado nos gráficos de impacto comportamental.

No que se refere aos principais benefícios percebidos com o uso dos aplicativos (Gráfico 8), destaca-se o dado de que 72% dos participantes relataram ter alcançado um maior controle dos gastos diários, o que representa o benefício mais citado. Além disso, 68% afirmaram que os aplicativos ajudam diretamente no planejamento financeiro mensal, e 62% mencionaram maior facilidade para visualizar entradas e saídas de dinheiro, o que contribui para maior transparência na gestão pessoal.

Gráfico 8 – Principais benefícios



Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa

Outros benefícios relevantes apontados foram a organização de metas de economia ou investimento (54%) e a redução de gastos impulsivos (52%), ambos indicadores de uma mudança de comportamento financeiro mais disciplinado. O acompanhamento em tempo real do saldo e das transações foi destacado por 42% dos participantes, e facilidade para evitar dívidas, por 36%. Já a sensação de maior segurança e autonomia financeira foi mencionada por 28% dos respondentes, e 32% reconheceram praticidade e agilidade na gestão das finanças como um diferencial importante. Apenas uma parcela mínima (2%) declarou não perceber benefícios no uso dessas ferramentas, o que reforça o alto índice de aprovação e utilidade dos aplicativos.

Dessa forma, os dados evidenciam que os aplicativos de gestão financeira pessoal não apenas auxiliam no controle e planejamento, mas também promovem mudanças concretas nos hábitos e decisões financeiras dos usuários. A amplitude dos benefícios relatados — desde a organização orçamentária até a mudança de comportamento frente ao consumo — demonstra a eficácia dessas soluções digitais como ferramentas de educação e empoderamento financeiro.

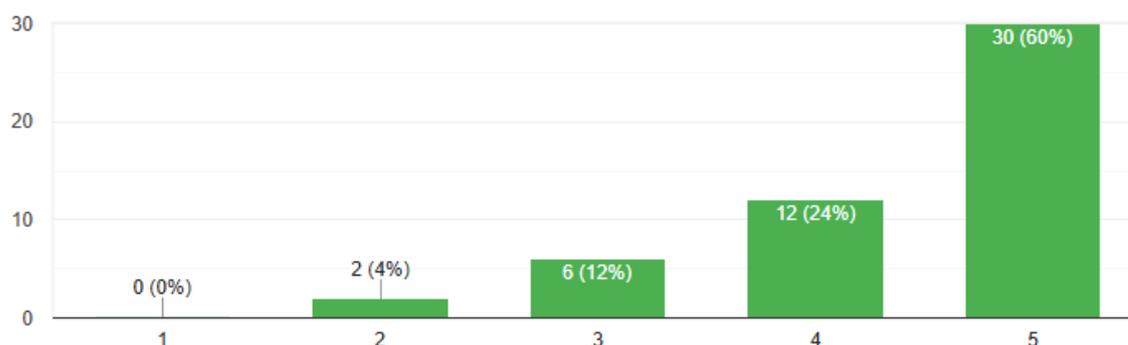
Entretanto, as limitações relatadas, como falta de tempo para atualização (60%) e dificuldades de interpretação dos dados (18%), demonstram que ainda existem barreiras de usabilidade e engajamento. Conforme Gai, Qiu e Sun (2018)

apontam, a experiência do usuário e a simplicidade das interfaces são determinantes para o sucesso das ferramentas de fintech. Ademais, Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014) alertam que a informação por si só não é suficiente: é necessário transformar o conhecimento em ação para gerar mudanças reais no comportamento financeiro.

De modo geral, 62% dos respondentes disseram que o uso de aplicativos de gestão financeira trouxe muitos impactos positivos para suas vidas financeiras; 26% relataram alguns impactos; 6% expuseram poucos; e 6% relataram que não houve nenhum impacto. Além disso, 96% dos participantes indicaram que utilizam esses aplicativos.

Por fim, os participantes foram convidados a avaliar, em uma escala de 0 a 5, o grau de concordância com a afirmação: “O uso de aplicativos de gestão financeira me ajudou a ter mais controle e organização sobre minhas finanças pessoais”, sendo “0” equivalente a “não concordo em nada” e “5” a “concordo plenamente”. Os resultados estão apresentados no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Concordância com a afirmação



Fonte: Elaboração própria, dados da pesquisa

Observa-se que 84% dos respondentes atribuíram notas altas (4 ou 5), sinalizando um grau elevado de concordância. Especificamente, 60% dos participantes escolheram a nota 5, indicando concordância total, enquanto 24% optaram pela nota 4. Já 12% atribuíram a nota 3, o que pode indicar uma percepção neutra ou moderada. Apenas uma minoria demonstrou baixa concordância: 4% deram nota 2, e nenhum respondente atribuiu notas 0 ou 1, o que reforça a ausência de avaliações negativas extremas.

Esses dados demonstram uma forte percepção positiva sobre o impacto prático dos aplicativos de finanças pessoais na vida dos usuários. A elevada taxa de concordância (84%) corrobora a tendência observada em outros gráficos, como a melhoria da organização financeira e do controle dos gastos. Além disso, quando combinada à alta taxa de recomendação dessas ferramentas — 96% dos respondentes indicariam o uso dos aplicativos a outras pessoas —, a análise aponta para um nível de satisfação consolidado.

Em consonância com essa percepção, vale destacar que 54% dos respondentes afirmaram usar o aplicativo há mais de seis meses, o que indica uma adesão contínua e a consolidação do hábito de uso. Esse comportamento sugere que os aplicativos de gestão financeira não só promovem benefícios imediatos, mas também têm potencial de impacto sustentável no médio e longo prazo, sobretudo quando associados a conteúdos educativos e estratégias de engajamento adequadas.

Essa constatação reforça os alertas mais recentes do Banco Central do Brasil, que em relatório de 2025 (Pati, 2025), enfatizou a necessidade de soluções tecnológicas que incentivem a educação financeira da população, diante do crescimento do endividamento das famílias brasileiras. O uso consistente e bem avaliado dos aplicativos financeiros, conforme revelado nesta pesquisa, se apresenta como uma resposta concreta e eficaz a essa demanda social.

5 Conclusões

O presente estudo teve como objetivo analisar o impacto dos aplicativos de gestão financeira na organização das finanças pessoais. A partir da aplicação de um questionário e da análise dos dados obtidos, foi possível compreender de forma ampla como essas ferramentas digitais têm influenciado o comportamento financeiro dos usuários, contribuindo para o fortalecimento da educação financeira e para a melhoria na administração do orçamento pessoal. Os resultados revelaram que os aplicativos exercem um papel significativo na vida financeira dos usuários, promovendo mudanças positivas em seus hábitos e atitudes. A maioria dos participantes afirmou que passou a controlar melhor seus gastos, planejar compromissos financeiros e economizar com mais regularidade após a adoção dessas tecnologias.

No decorrer da pesquisa, foi possível identificar que as funcionalidades mais utilizadas pelos usuários são o controle de despesas e receitas, a criação de metas financeiras e o acompanhamento de orçamentos mensais. Esses recursos se mostraram altamente eficazes para o controle orçamentário, uma vez que permitem uma visualização clara da destinação do dinheiro, estabelecendo limites de gastos e incentivando um monitoramento constante dos hábitos de consumo. A praticidade e a interface amigável dos aplicativos foram destacadas como elementos essenciais para o uso contínuo das ferramentas.

Além disso, observou-se que o uso desses aplicativos contribui diretamente para mudanças significativas nos hábitos de consumo e no planejamento financeiro dos usuários. Muitos relataram que passaram a refletir mais antes de fazer compras, a planejar melhor seus gastos mensais e a estabelecer objetivos financeiros concretos, como economizar para viagens, quitar dívidas ou formar uma reserva de emergência. Esse comportamento indica que os aplicativos funcionam não apenas como instrumentos de controle, mas também como agentes que promovem educação financeira e incentivam práticas mais saudáveis no uso do dinheiro.

Contudo, também foram apontados desafios e limitações no uso dessas ferramentas. Entre os principais obstáculos relatados estão a falta de tempo para

atualizar os dados manualmente, a complexidade de algumas interfaces e a dificuldade de compreensão de certos gráficos e relatórios. Tais questões mostram que, apesar dos benefícios evidentes, ainda há espaço para melhorias no desenvolvimento desses aplicativos, especialmente no que diz respeito à usabilidade, acessibilidade e personalização das funcionalidades.

Dessa forma, conclui-se que os aplicativos de gestão financeira possuem grande potencial para promover maior autonomia financeira, estimular o consumo consciente e facilitar o planejamento das finanças pessoais. Funcionam como aliados importantes na construção de uma cultura financeira mais sólida, principalmente em contextos de instabilidade econômica e altos índices de endividamento. No entanto, para que seus benefícios sejam plenamente aproveitados, é necessário que os desenvolvedores invistam em soluções mais acessíveis e adaptadas a diferentes perfis de usuários, além de integrar conteúdos educativos que auxiliem no uso das ferramentas. A articulação entre essas tecnologias e ações de educação financeira mais amplas pode fortalecer ainda mais os resultados positivos observados.

Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se explorar o impacto desses aplicativos em públicos específicos, como estudantes, aposentados ou pessoas com alto nível de endividamento, bem como investigar o papel da gamificação e da inteligência artificial na personalização da experiência do usuário. Essas abordagens podem ampliar o entendimento sobre o potencial transformador dessas ferramentas no contexto das finanças pessoais.

Referências Bibliográficas

ALBERNAZ, E. C. A importância do planejamento financeiro pessoal para uma melhor qualidade de vida. *Revista FT*, v. 28, n. 139, 2024.

AMARAL, R. C. *Financerplus: aplicativo de gestão financeira pessoal*. Faculdade de Tecnologia de Americana, Americana, 2016.

ARNER, D. W.; BARBERIS, J.; BUCKLEY, R. P. The Evolution of Fintech: A New Post-Crisis Paradigm? *Georgetown Journal of International Law*, v. 47, p. 1271–1319, 2016.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Open Banking: sistema financeiro aberto*. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/openfinance>. Acesso em: 25 abr. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). *Panorama da regulação das fintechs no Brasil*. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/fintechs>. Acesso em: 25 abr. 2025.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

CNC. *Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) – dezembro de 2024 e balanço anual*. 2025. Disponível em: https://portaldocomercio.org.br/publicacoes_posts/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-dezembro-de-2024-e-balanco-anual/. Acesso em: 05 abr. 2025.

DEMIRGUÇ-KUNT, Asli et al. *The Global Findex Database 2017: Measuring Financial Inclusion and the Fintech Revolution*. Washington, DC: World Bank, 2018.

FERNANDES, D.; LYNCH, J. G.; NETEMEYER, R. G. Financial Literacy, Financial Education, and Downstream Financial Behaviors. *Management Science*, v. 60, n. 8, p. 1861–1883, 2014.

GAI, K.; QIU, M.; SUN, H. A survey on FinTech. *Journal of Network and Computer Applications*, v. 103, p. 262–273, 2018.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GUPTA, H.; ARORA, N. Digital Financial Literacy: A Study on Indian Consumers. *International Journal of Economic Research*, v. 14, n. 15, p. 65–75, 2017.

KAHNEMAN, D. *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect Theory: An Analysis of Decision under Risk. *Econometrica*, v. 47, n. 2, p. 263–292, 1979.

LAIBSON, D. Golden Eggs and Hyperbolic Discounting. *The Quarterly Journal of Economics*, v. 112, n. 2, p. 443–478, 1997.

LIMA, G. T.; MELO, R. O. Educação Financeira Digital: O impacto de aplicativos na gestão financeira pessoal. *Revista Brasileira de Finanças e Contabilidade*, v. 9, n. 2, p. 45–62, 2021.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence. *Journal of Economic Literature*, v. 52, n. 1, p. 5–44, 2014.

LUSARDI, A.; MICHAUD, P. C.; MITCHELL, O. S. Optimal Financial Knowledge and Wealth Inequality. *Journal of Political Economy*, v. 125, n. 2, p. 431–477, 2017.

OZILI, P. K. Impact of digital finance on financial inclusion and stability. *Borsa Istanbul Review*, v. 18, n. 4, p. 329–340, 2018.

PATI, C. O alerta do Banco Central sobre o endividamento dos brasileiros. *Veja Negócios*, 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/o-alerta-do-banco-central-sobre-o-endividamento-dos-brasileiros/>. Acesso em: 07 abr. 2025.

PERRY, V. G.; MORRIS, W. C. Who Is in Control? The Role of Self-Perception, Knowledge, and Income in Explaining Consumer Financial Behavior. *Journal of Consumer Affairs*, v. 39, n. 2, p. 299–313, 2005.

SANCHES, E. R.; ALMEIDA, D. P. Pix e inclusão financeira no Brasil: avanços e desafios. *Revista de Administração Pública Digital*, v. 2, n. 1, p. 21–34, 2021.

SCHINDLER, J. W. *FinTech and Financial Innovation: Drivers and Depth*. Finance and Economics Discussion Series 2017-081. Washington: Board of Governors of the Federal Reserve System, 2017.

SERASA. Educação financeira: como administrar o dinheiro. Serasa Experian, 2025. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/blog/educacao-financeira-a-melhor-ferramenta-para-controlar-as-financas-pessoais/>. Acesso em: 07 abr. 2025.

SILVA, R. N. L.; CANJÃO, M. M.; LEAL, L. C. V. F. A influência dos apps de controle financeiro na vida de seus usuários. Congresso Internacional de Administração. Sucre – Bolívia, 2018.

SOUZA, P. R.; SILVA, M. V. Fintechs e a nova dinâmica da gestão financeira pessoal no Brasil. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v. 9, n. 4, p. 123–139, 2020.

THALER, R. H.; SUNSTEIN, C. R. Nudge: o empurrão para a escolha certa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

UNCTAD. Digital Economy Report 2020: Cross-border data flows and development. Genebra: United Nations Conference on Trade and Development, 2020.

WORLD BANK. Financial Capability Surveys Around the World: Why Financial Capability is Important and How Surveys Can Help. Washington, DC: World Bank, 2013. Disponível em: <https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/693871468340173654/financial-capability-surveys-around-the-world-why-financial-capability-is-important-and-how-surveys-can-help>. Acesso em: 22 abr. 2025.

APÊNDICE

Você é:

Homem
Mulher

Qual sua faixa etária?

Entre 18 e 24 anos
Entre 25 e 30 anos
Entre 31 a 36 anos
Entre 37 e 45 anos
46 anos ou mais

Qual sua escolaridade?

Ensino Fundamental
Ensino Médio
Ensino Superior Incompleto/Cursando
Ensino Superior Completo
Pós-graduação / Mestrado / Doutorado

Onde você reside?

Região Sudeste - Rio de Janeiro
Região Sudeste - São Paulo
Região Sul
Região Nordeste
Região Norte
Região Centro-Oeste

Qual sua renda média mensal?

Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.412,00)
De 1 a 2 salários mínimos (R\$ 1.413,00 a R\$ 2.824,00)
De 2 a 3 salários mínimos (R\$ 2.825,00 a R\$ 4.236,00)
De 3 a 5 salários mínimos (R\$ 4.237,00 a R\$ 7.060,00)
De 5 a 10 salários mínimos (R\$ 7.061,00 a R\$ 14.120,00)
Acima de 10 salários mínimos (mais de R\$ 14.120,00)
Prefiro não informar

Você utiliza atualmente algum aplicativo de controle financeiro pessoal?

Sim
Já usei, mas parei
Nunca utilizei

Há quanto tempo você utiliza (ou utilizou) o aplicativo?

Menos de 3 meses
Entre 3 e 6 meses
Entre 6 meses e 1 ano
Mais de 1 ano

Qual é seu principal objetivo ao utilizar um aplicativo de gestão financeira?

Controlar gastos
Economizar dinheiro
Evitar dívidas
Organizar orçamentos mensais
Ter mais clareza sobre minha situação financeira

Com que frequência você atualiza as informações no aplicativo?

- Diariamente
- Algumas vezes por semana
- Uma vez por semana
- Menos de uma vez por semana
- Não atualizo com frequência

Desde que começou a utilizar o aplicativo, como você avalia sua organização financeira?

- Muito mais organizada
- Um pouco mais organizada
- Não mudou
- Piorou

O uso do aplicativo ajudou você a identificar para onde seu dinheiro está indo?

- Sim
- Não
- Parcialmente

Após usar o aplicativo, você passou a controlar melhor seus gastos?

- Sim, com frequência
- Às vezes
- Não houve mudanças
- Piorou meu controle

Você já conseguiu poupar mais dinheiro após o uso do aplicativo?

- Sim, com regularidade
- Sim, mas de forma pontual
- Não consegui poupar mais
- Nunca foi meu objetivo

Em relação às suas decisões financeiras, o uso do aplicativo influenciou você a:

- Pensar antes de gastar
- Estabelecer metas financeiras
- Reduzir gastos supérfluos
- Priorizar dívidas
- Planejar melhor o mês
- Não senti nenhuma influência

Quais os principais benefícios que você percebe no uso de aplicativos financeiros? (Pode marcar mais de 1)

- Maior controle dos gastos diários
- Facilidade para visualizar entradas e saídas de dinheiro
- Ajuda no planejamento financeiro mensal
- Organização de metas de economia ou investimento
- Redução de gastos impulsivos
- Acompanhamento em tempo real do saldo e transações
- Facilidade para evitar dívidas
- Sensação de maior segurança e autonomia financeira
- Praticidade e agilidade na gestão das finanças
- Não percebo benefícios

Quais são as maiores dificuldades ou limitações que você encontra ao utilizar esse tipo de aplicativo?

Falta de tempo para atualizar
Interface complicada
Dificuldade em interpretar os dados
Não sinto confiança nas informações
Não tenho motivação para continuar usando

Você considera que o uso do aplicativo trouxe impactos positivos para sua vida financeira?

Sim, muitos
Alguns
Poucos
Nenhum

Você indicaria o uso de aplicativos de gestão financeira para outras pessoas?

Sim
Não

Em que medida você concorda com a seguinte afirmação:

"O uso de aplicativos de gestão financeira me ajudou a ter mais controle e organização sobre minhas finanças pessoais."

1 – Discordo totalmente
5 – Concordo totalmente